

teiro de Monges Cistercienses na villa de Alcobaça e por memoria se conserva naquelle logar onde o dito Snr. fez aquella Doação hum Arco de cantaria com a Estatua do dito Rey, no districto daquella parte de Serra que pertence ao termo da villa de Aljubarrota.

Logo por cima da villa do Porto de Mós forma esta Serra hum celebre braço para a parte do nascente, muy levantado, aspero e frágil chamado Serro Ventoso: na parte que fica contra esta freguezia lança dous grandes braços; hum para a parte do nascente, chamado a Serra da Lua; e outro para a parte do poente chamado o Cabeço de Turquel, dentro do qual está huma grande e admiravel gruta ou concavidade por modo de huma Casa, muy Larga, espaçosa e alta de rochedo, que supposto seja obra da natureza, tem indicios de que foy artificialmente aprefeçoada em algumas partes da sua composição, e segundo a tradição dos antigos foy habitada dos Sarracenos». (Tomo XXXVII, fl. 1211).

#### 510. Turiz (Entre-Douro-e-Minho)

Ruínas de uma villa. — Castro

«Não tem antiguidades nem privilegios antigos só hũa tradição que no sítio aonde hoje fica a Igreja fora antigamente hũa villa que se chamou Toudilanes e neste sitio apparecem hoje por bayxo do cham bastantes tijolos de antiquissimo feitio e muytos carvoens e para a parte do poente hum outeiro chamado o monte de Santa Cruz por nelle estar hũa Hermida de S. Hellena aonde se venera a invenção da Cruz serve esta Cappela de deviza entre esta freguezia e a de S. Julião da Lage a quoa pertence a ditta Hermida e fica esta dentro de hum valo ou trincheira que mostra ser hũa praça ou forte daquelles tempos em que não havia polvora e bala e da outra parte deste outeyro e forte apparecem os mesmos Tijollos e Carvoens que dizem fora a villa de S. Julião ou de Julianes que he da freguezia de S. Julião da Lage<sup>1</sup>». (Tomo XXXVII, fl. 1214).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

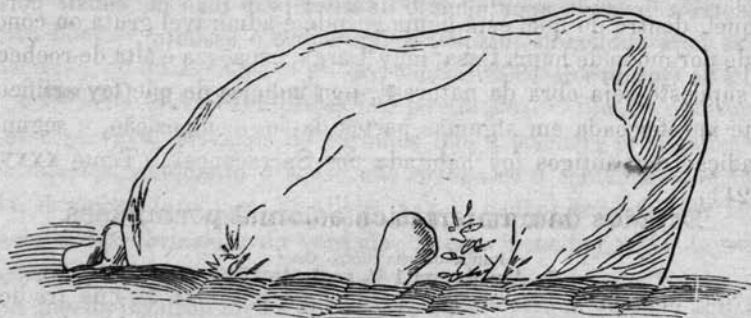
#### Legenda enigmatica

No concelho de Ponte do Lima, sobre os limites da freguesia de Brandára com a de Refojos, um pouco acima da estrada real, numa

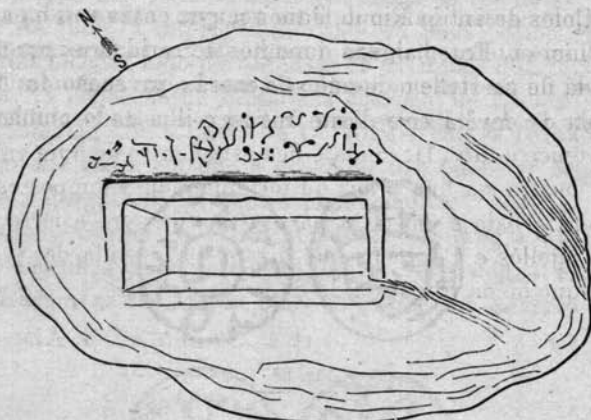
<sup>1</sup> A tradição aqui mencionada é evidentemente a escrita; a popular não teria conservado com tanta exactidão o nome *Toudilanes*, que vem a ser o latim *Theodilanis*, genetivo do nome godo *Theodila*. Turiz é *Theodorici*, que tambem se conserva em Château-Thierry (Castellum-Theodorici).

encosta fóra das paredes da quinta do Cardido, e por onde segue uma vereda, existem alguns penedos dispersos, um dos quaes contém uma sepultura aberta na face superior (vid. a gravura junta).

O bloco granítico, de fôrma arredondada, mede 4<sup>m</sup>,50 de comprimento, 2 metros de alto, e outro tanto de largo no circuito medio; não se torna facil achá-lo, necessitando o curioso de tentar a subida dos maiores; e o limo escorregadio estorva por vezes a escalada, pois que o tumulo não se nota de baixo.



*Sepultura de S. Simão (o penedo visto de lado)*



*Sepultura de S. Simão (parte superior do penedo)*

A cavidade rectangular apresenta as paredes quasi verticaes, tendo no fundo 1<sup>m</sup>,92 e na borda exterior apenas attinge 2 metros, e de alto 0<sup>m</sup>,45 por 0<sup>m</sup>,50 de largo. Não está orientada.

Circunda o lado maior da sepultura, pelo norte, uma legenda que não se entende, cujo desenho apresentamos para melhor resolução do problema.

Devia ter outr'ora tampa.

Como no outeiro que lhe fica pelo meio-dia ha uma capella dedicada a S. Simão, o povo da vizinhança designa o penedo por *sepultura do Santo* ou de *S. Simão*, acreditando que a agua da chuva que nella se deposita livra de *maleitas* ou sezões.

Visitei o monumento em 1884, em companhia dos meus saudosos amigos Joaquim Possidonio da Silva e general Sebastião Lopes de Calheiros e Meneses, vindo aquelle distincto architecto e archeologo passar alguns dias ao Cardido, examinando então varias antiguidades d'estes arredores e levando apontamento da inscripção (não me consta porém que se haja publicado qualquer artigo sobre o assunto).

12 de Outubro de 1903.

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA.

## Estudos de numismatica colonial portuguesa

### 7. A roda, ou 1 1/2 real, de 1743

Em janeiro do anno findo houve uma palestra acêrca de numismatica entre nós e o Sr. Antonio Pedro de Andrade, Presidente da Direcção do Banco Commercial do Rio de Janeiro, que então residia accidentalmente em Lisboa. Entre alguns desenhos de raridades monetarias que examinámos, foi presente o desenho da moeda que se mostra na fig. 1.<sup>a</sup>, a qual existe no medalheiro d'este antigo e illustrado numismata português.



PL

Fig. 1.<sup>a</sup>

O exemplar está gasto, no dizer do possuidor, e desfigurado pelo oxydo de côr branca, privativo da moeda de calaim.

A imagem do avverso dá a ideia de uma cabeça humana com o cabello entrançado e erguido em secções, semelhantes á letra Y. As sobrancelhas, amplas e bravias, a boca, rasgada em ricto enorme, proprio de boca de irracional, e o queixo, quasi ponteagudo e incompleto, como se uma parte fosse arrancada violentamente, completam este molde estranho de feições, que dão o aspecto de mascara com riso permanente. Presumir-se-ha que esta mascara fôra um retrato? Não parecia